

“A CONSTRUÇÃO DE UM MUNDO NOVO E A LUTA POR UMA VIDA FELIZ”: JORGE AMADO E A COLEÇÃO ROMANCES DO POVO

Vinícius Juberte

Doutorando em História Econômica - FFLCH/USP

vinicius.juberte@usp.br

1. Introdução:

A história do livro apontou as potencialidades de análise deste objeto do ponto de vista tanto econômico quanto político. Segundo Roger Chartier, o livro carrega desde sua origem um caráter duplo de mercadoria e veículo cultural (CHARTIER; ROCHE, 1986, p.109). Em *O Aparecimento do Livro* de 1958, de autoria de Lucien Febvre e Henri Jean-Martin, é demonstrado como o livro se colocou como o “fermento” não só de um novo ramo da economia, mas também como o veículo por excelência da difusão das ideias a partir de seu aparecimento. Desde o surgimento da imprensa, bem como da técnica que permitiu a produção do papel (FEBVRE; MARTIN, 1992, pp.22-23), o livro impresso se tornou o principal suporte utilizado para a difusão da informação, trazendo consigo toda uma nova estrutura que além de agir no campo das ideias, agia também no campo econômico.

O livro enquanto mercadoria fez surgir o que chamamos de economia do livro, conformando assim um novo ramo de produção, com grandes tipografias construídas para suprir uma demanda que só aumentava, e já organizadas pela divisão do trabalho do capitalismo moderno (FEBVRE; MARTIN, 1992, p.192), marcando consideravelmente o campo político. É o que observamos no processo de difusão das ideias da Reforma Protestante, principalmente as de Lutero, da Contrarreforma católica e do ideal do Humanismo que começava a se expandir.

De forma análoga, podemos refletir sobre o livro enquanto objeto para a difusão das ideias comunistas, no curso do século XX, por exemplo, a questão editorial sempre

foi um elemento central das atividades de Agitação e Propaganda, a chamada *agitprop*. Já nos anos de 1890-1900, no momento inicial da consolidação do movimento operário russo, Lênin compreendia ser essencial para o operariado a divulgação das ideias de Marx e Engels. Para o líder bolchevique, não havia separação entre os diversos trabalhos que competiam à militância do partido: trabalho teórico, de propaganda e de organização e agitação. Segundo ele, a agitação, ligando a teoria à prática, deveria organizar as massas em torno das palavras de ordem bolchevique (PANKRATOVA, 1950, p.2).

No Brasil, os livros marxistas só passam a circular de fato após a Revolução de Outubro, seguindo a lógica de difusão de livros criada pela Internacional Comunista a partir de 1919. Nesse primeiro momento, além dos livros publicados em francês pela IC, o país tem outro polo de influência que é o Partido Comunista Argentino, que desde 1918 passa a editar a literatura marxista em espanhol. Mas a difusão no Brasil só irá se sistematizar a partir de 1922, com a fundação do PCB (CARONE, 2004, p.39). O movimento comunista que vinha se fortalecendo no país desde a Revolução de Outubro de 1917 passa a se concentrar em uma mesma organização, em um partido de caráter revolucionário.

Segundo João Quartim de Moraes, foi uma característica peculiar do Brasil o fato de aqui o comunismo ter precedido o marxismo como corrente política, sendo que este apenas entrou na luta política através daquele, após a consolidação do PCB (MORAES, 2007, p.134). No momento de fundação do partido as fontes marxistas existentes no Brasil eram variadas, baseando-se em literatura vinda da Rússia ou da França, sendo que as publicações marxistas brasileiras dos anos 1920 continuarão intrinsecamente ligadas ao movimento editorial francês, responsável pela formação de uma geração inteira de comunistas nos países de língua latina (CARONE, 2004, p.45). Nesse momento, Argentina e Espanha também tem grande influência sobre o movimento comunista brasileiro no que concerne ao campo editorial, ainda que de forma secundária se comparados à França.

Nesses primeiros anos de existência, de 1922 a 1930, o PCB teve escassas publicações próprias, devido a debilidades financeiras e de caráter organizacional, não mantendo nem mesmo uma editora própria. Muitas vezes o esforço de distribuir livros para a militância, nesse período, foi de caráter pessoal do próprio secretário-geral do partido, Astrojildo Pereira (CARONE, 2004, p.62). Nos anos 1930 a situação muda, com a radicalização da esquerda mundial devido à crise de 1929, e no caso específico do Brasil em reação a Revolução de 1930. Esse desenvolvimento é interrompido devido à repressão ao PCB após o Levante Comunista de 1935 e a instauração, em 1937, do Estado Novo, fazendo com que a literatura marxista editada no Brasil praticamente desaparecesse (CARONE, 2004, p.67).

As edições de livros marxistas no Brasil só serão retomadas nos anos 1940, mais especificamente em 1942, durante a Segunda Guerra Mundial, com a aliança antifascista e o esforço de guerra da URSS. Nesse contexto, as editoras passam a reeditar muitas das obras lançadas nos anos 1930. Em 1945, com o fim da guerra e do Estado Novo, o PCB retorna à legalidade e passa por um processo de reorganização de suas atividades, adotando a linha política de “coexistência pacífica”¹ ditada por Moscou no pós-Segunda Guerra, passando finalmente a organizar também as suas próprias editoras.

Sobre essas editoras, podemos observar algumas tendências: a Leitura se volta para edição de romances, editando Marx e Engels apenas nos anos 1960; a Horizonte divulga obras dos militantes do PCB, de temas políticos gerais e de teoria; a Vitória tem um catálogo mais amplo, com romances, literatura sobre a guerra e livros de formação ideológica. A Horizonte desaparece em 1947, a Leitura publica poucos livros, enquanto

¹ Como afirma Edgard Carone: “O súbito arrebatamento do movimento provoca reação das classes dirigentes que, neste momento pós-guerra, ficam impedidas de negar o papel do PCB e o esforço da URSS no conflito europeu. A época de intolerância e incompreensão parecia distante e tudo levava a crer que dentro do atual sistema democrático brasileiro houvesse lugar para a participação da esquerda comunista. Ainda mais, o esforço da CNOP e, a partir de 1945, a própria posição oficial do partido demonstrou que sempre realçaram o papel da burguesia nacional, mostrando que o país deveria desenvolver-se sem grandes convulsões. Esta política, denominada de *Coexistência Pacífica*, marca a posição do partido desde 1943, momento em que, no plano internacional, Stalin dissolve a III Internacional, gesto de boa vontade com os seus aliados de guerra.” In: Edgard Carone. *O PCB (1943-1964)*, p.5.

isso a Vitória passa a ter um movimento editorial de caráter excepcional pelo seu número e variedade, tendo como destaque, por exemplo, a coleção Romances do Povo, dirigida por Jorge Amado. A Vitória ainda retomará a edição das obras de Marx e Engels, além dos clássicos do marxismo-leninismo (CARONE, 1992, p.69).

A Editorial Vitória foi fundada em maio de 1944, tendo sido incumbido para essa tarefa o militante Leôncio Basbaum. Ele era membro da direção do partido e com experiência prévia em empresas, inclusive do setor editorial, tendo trabalhado na Guanabara e na Livraria Freitas Barros, e fora também diretor das Lojas Brasileiras, empresa de seus irmãos. Segundo ele, a editora foi fundada como uma sociedade de cotas, com capital de 170 mil cruzeiros, sendo que até 1947 constavam entre os sócios da Editorial Vitória quatro irmãos de Leôncio (Adolfo, Artur, José e Salomão), além de José Augusto Simões, Osório Borba e Tulim Marques de Azevedo, entre outros, sendo quatorze cotistas no total. O maior capital era de Leôncio, seguido por seus irmãos (MAUÉS, 2013, p.124). Com base nessas informações podemos observar que apesar de a editora se configurar desde o início como uma empresa de capital aberto, ela mantém um caráter de empresa familiar, dado o predomínio de Leôncio e seus irmãos em seu comando, nessa primeira fase de consolidação dos anos 1940, que se dá de 1944 a 1947.

Essa prática de deixar a cargo dos militantes inúmeras tarefas que envolviam o nome e o dinheiro desses era comum para o PCB, já que o partido, clandestino, não tinha a possibilidade de registrar seu patrimônio como pessoa jurídica, costume que permaneceu, ao que tudo indica, por motivos de segurança, mesmo no período de legalidade. Pensando na relação entre o partido e a editora, segundo o historiador Flamarion Maués, a Editorial Vitória, durante a sua existência de vinte anos (1944-1964), teve uma direção oficial e outra “subterrânea”, que de fato comandaria a editora (MAUÉS, 2013, p.125).

No entanto, como afirma Maués, por ser a editora notoriamente ligada ao PCB, seria normal que o partido determinasse a sua linha editorial e participasse da decisão sobre as suas publicações. Além disso, o partido procurava manter certo sigilo sobre a

ligação com a editora, devido a condição de clandestinidade do mesmo a partir de 1948. Todavia, isso não significava que a direção oficial da editora não tivesse poder decisório na sua direção política e administrativa (MAUÉS, 2013, p.126). Em 1949, a Vitória já havia alcançado o porte de uma empresa média, com 9 funcionários trabalhando em seu escritório, incluído um gerente. Essa estrutura ainda cresceu no início dos anos 1960, já que além da sede no Rio de Janeiro, a editora também abriu um escritório em São Paulo nessa mesma época (MAUÉS, 2013, p.126). A editora terá como um dos seus grandes destaques editoriais a Coleção Romances do Povo nos anos 1950, dirigida por Jorge Amado e focada na difusão do romance proletário no Brasil. A Editorial Vitória deixa de existir em 1964, após o golpe civil militar.

2. Jorge Amado e o realismo socialista:

Segundo o historiador Geferson Santana, o escritor Jorge Amado ingressou no PCB nos anos 1930, por intermédio da relação de amizade que tinha com a escritora cearense Rachel Queiroz, que naquele momento já era militante do partido. Desde o início, o escritor assumiu a função de ser o principal promotor do romance proletário no Brasil, conforme as diretrizes da Internacional Comunista.² Nesse período, Amado publicou os seguintes romances, todos dentro dessa estética: *Cacau* (1933), *Suor* (1934), *Jubiabá* (1935), *Seara Vermelha* (1946), *Os Subterrâneos da Terra* (1954) (SANTANA, 2019, p.57).

Vale ressaltar que Jorge Amado programava escrever mais um livro dentro das diretrizes do romance proletário, que deveria ser lançado em 1956. O escritor chegou inclusive a preparar um esboço inicial desse romance, com o roteiro geral e os personagens da história, mas desistiu de lançá-lo após seu desligamento do Partido em 1956. Amado, em seu livro de memórias *Navegação de Cabotagem* (1992), afirma que sua desilusão com o comunismo soviético havia começado em 1951, mas o autor só

² Sobre o debate que levou a gênese do realismo socialista, ver Vittorio Strada. Da “revolução cultural” ao “realismo socialista”. In: Eric Hobsbawm (org.). *História do Marxismo*, volume 9, Paz e Terra, 1987. pp.109-150. E Do “realismo socialista” ao “zhdanovismo”. In: Eric Hobsbawm (org.). *História do Marxismo*, volume 9, Paz e Terra, 1987. pp. 151-220.

deixa o PCB após o XX Congresso do PCUS e a publicação do “relatório Krushev” com a revelação dos crimes da era Stalin. (DARMAROS, 2018, p.218). Vale ressaltar que nesse meio tempo, Jorge Amado ainda dirigiu a Coleção Romances do Povo da Editorial Vitória, que teve seu início em 1953.

Quanto a estética na qual o romance proletário se enquadra, o chamado realismo socialista, esse começou a ser elaborado como doutrina oficial para a Cultura na URSS a partir dos anos 1930, após décadas de debates estéticos que tiveram início com a Revolução de Outubro de 1917.² Nesse processo, o Congresso dos Escritores Soviéticos de 1934 foi fundamental, principalmente pelo discurso de Alexandrovich Zhdanov, figura do alto escalão do Partido, muito próximo a Stalin, que a partir de então seria uma voz decisiva nos rumos da cultura soviética. Nesse discurso, Zhdanov enfatiza as características que definiriam o realismo socialista e o romance proletário, exaltando a literatura soviética.

Segundo ele, o realismo socialista se define da seguinte forma:

“Em nosso país, os principais heróis das obras literárias são os construtores de uma nova vida: homens e mulheres operários, homens e mulheres das fazendas coletivas, membros do Partido, comerciantes, engenheiros, membros da Liga Comunista de Jovens, Pioneiros. Tais são os principais tipos e heróis de nossa literatura soviética. Nossa literatura está impregnada com entusiasmo e espírito de tarefas heroicas. É otimista, mas no sentido que sua essência é otimista por ser a literatura da classe do proletariado que vem se alçando, a única classe avançada e progressista. Nossa literatura soviética é forte pela virtude do fato que vem servindo a uma nova causa, a causa da construção do socialismo. (...)”

Além disso, a fidelidade e concretude histórica da representação artística deve ser combinado com a remodelagem ideológica e educação do povo trabalhador sob o espírito do socialismo. Este método em belas letras e criticismo literário é o que chamamos de realismo socialista.“ (ZHDANOV, 2015, p.115)

Nesse mesmo discurso, o dirigente soviético discorre também sobre a “decadência da literatura burguesa”, para enfatizar a diferença entre essa tradição e a literatura soviética :

“O atual estado da literatura burguesa é tal que não mais é capaz de criar grandes trabalhos artísticos. A decadência e desintegração da literatura burguesa, resultando do colapso e decadência do sistema capitalista, representa um traço característico, uma característica peculiar do estado da cultura e literatura burguesas na vida atual. Não se retornará mais aos tempos quando a literatura burguesa, refletindo a vitória da revolução burguesa sobre o feudalismo, era capaz de criar grandes trabalhos da época quando o capitalismo estava nascendo. Tudo agora está crescendo de forma atrofiada, temas, talentos, autores, heróis.”

Por fim, Zhdanov define o que seria o romance proletário:

“Nossa literatura, que mantém ambos os pés firmemente plantados em uma base materialista, não pode ser hostil ao romantismo, mas deve ser um romantismo de novo tipo, romantismo revolucionário. Dizemos que o realismo socialista é o método básico das belas letras soviético e criticismo literário, e isso pressupõe que o romantismo revolucionário deva entrar na criação literária como uma parte componente, de toda a vida do nosso Partido, de toda a vida da classe operária, e sua luta consiste em uma combinação de trabalho prático austero e sóbrio com o espírito superior de feitos heroicos e magníficas perspectivas futuras. (...) A literatura soviética deve ser capaz de retratar nossos heróis; deve ser capaz de vislumbrar o nosso amanhã. Isso não será nenhum sonho utópico, pelo nosso amanhã já estar sendo preparado hoje às custas de um trabalho planejado consciente.” (ZHDANOV, 2015, p.116)

Segundo Geferson Santana, o realismo socialista a partir dos anos 1930 passou a ser considerado um método de descrição do real na literatura, com o intuito de educar o proletariado, despertando sua consciência de classe e o espírito do socialismo, ou seja, a arte soviética passou a ter também um caráter pedagógico (2019, p.61).

3. A Coleção Romances do Povo:

No Brasil, o romance proletário ganha novo impulso a partir de 1953, quando a Editorial Vitória começa a editar a Coleção Romances do Povo. Não por acaso, o escolhido para dirigir a coleção foi o principal autor do gênero no país até aquele momento e o grande nome entre os intelectuais do PCB: Jorge Amado.

A coleção teve uma carta-proposta que foi enviada para seus sócios, com uma carta de apresentação assinada por Jorge Amado, o catálogo de livros a serem lançados, e as condições de financiamento da coleção. Eis o texto de apresentação, que vale a pena ser transcrito na íntegra:

“A Coleção Romances do Povo, cuja publicação a Editorial Vitória inicia com o lançamento do grande livro de Bóris Palevoi, “Um Homem de Verdade”, dispõe-se a apresentar ao público brasileiro as mais notáveis obras da literatura progressista contemporânea: os romances que têm como tema a construção de um mundo novo e luta por uma vida feliz.

Através dessa coleção, o leitor brasileiro entrará em contato com os criadores da mais bela e mais avançada literatura do nosso tempo. De Gorki, fundador do realismo socialista, até os romancistas surgidos após a última guerra mundial, como o francês André Still ou o russo E. Kasakievitch. Alguns desses romancistas, um Gorki, um Ilya Ehreburg, uma Anna Seghers, um Howard Fast, já são conhecidos no Brasil. Mas, em verdade, só temos tido algumas raras traduções de autores progressistas, enquanto que a enorme riqueza da literatura nascida do povo tem sido, de fato, subtraída ao conhecimento dos nossos leitores.

Quando se fala em crise editorial, deixa-se de mencionar um dos fatores dessa crise: a qualidade dos livros, que em geral refletem uma literatura decadente, suicida e impopular, sem qualquer interesse para a grande massa de leitores.

Estamos certos de que a coleção que ora apresentamos irá obter um grande êxito de livraria. O público brasileiro encontrará nela exatamente o oposto daquela literatura de decadência e de fuga da vida, produzida por uma sociedade moribunda. Encontrará os romances diretamente nascidos do povo, inspirados em sua caminhada para a construção da felicidade do homem sobre a terra.

Pretendem a Editora e o Diretor desta coleção dar ao público brasileiro uma visão da universalidade dessa literatura, apresentando, ao lado dos mestres do romance soviético, os novos romancistas dos países da democracia popular e os combativos escritores da vanguarda do mundo capitalista, alguns dos quais nomes tão importantes no cenário da literatura contemporânea como o indiano Mulk-Raj-Amand ou o haitiano Jacques Roumain. Sem esquecer os novos romancistas brasileiros que tentam levar a nossa novelística mais além dos limites por ela já atingidos, colocando-a a serviço das causas mais belas e generosas do nosso povo.

Uma bem cuidada feição gráfica, ilustrações assinadas pelos maiores nomes das nossas artes plásticas, concorrerão para dar digna apresentação a esses romances do povo que provam ser a literatura é realmente um poderoso instrumento do homem na criação de um mundo de fraternidade entre todos os povos, os romances da paz e da esperança.

Rio de Janeiro, janeiro de 1953.

Jorge Amado”

Logo de início salta aos olhos uma série de semelhanças entre o discurso de Zhdanov, citado anteriormente, e o texto de apresentação da coleção. Justamente por isso o texto ganha um ar oficioso com frases como “as mais notáveis obras da literatura progressista contemporânea” ou quando se refere a uma “literatura decadente, suicida e impopular”, clara descrição da chamada “literatura burguesa”.

Outros pontos valem ser ressaltados, como por exemplo, a clara intenção da coleção, que como diz Amado em seu texto, é apresentar ao público brasileiro os romances que retratam “a construção de um mundo novo e a luta por uma vida feliz”, em outras palavras, a coleção tem como função primordial apresentar ao público a construção do socialismo pelas lentes do romance proletário. Também fica claro como o esforço editorial de difusão dessas obras é considerado fundamental pelo partido na frase final da carta, quando Amado afirma que “a literatura é realmente um poderoso instrumento do homem na criação de um mundo de fraternidade entre todos os povos, os romances da paz e da esperança.”. Ele também ressalta a qualidade gráfica das edições da coleção, que ficaram a cargo do artista plástico Percy Deane³.

³ Percy de Mello Deane (Manaus, Amazonas, 1921 - Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1994). Pintor, desenhista, ilustrador, arquiteto. Aos dez anos muda-se com a família para Belém, onde frequenta suas primeiras aulas de desenho. Ingressa na Faculdade de Arquitetura da Escola Nacional de Belas Artes (Enba) em 1938, mudando-se para o Rio de Janeiro. Nessa cidade, conhece Candido Portinari (1903-1962), de quem se torna amigo e entusiasta e passa dedicar-se somente às artes visuais. A partir de 1938, colabora regularmente, como ilustrador, para as publicações *O Jornal*, *Dom Casmurro*, *Sombra*, *Diretrizes*, *Cigarra* e *Rio Magazine*. Durante dez anos, entre 1941 e 1951, ilustra romances seriados para a revista *O Cruzeiro*. Por encomenda de Oscar Niemeyer (1907-2012), realiza o mural do Iate Clube da Pampulha, Belo Horizonte, em 1942. É premiado no Salão Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro, em 1940, 1941 e 1943, recebendo neste último o prêmio de viagem ao país. Expõe em Londres, em 1943 e participa da mostra 20 Artistas Brasileños, itinerante pelo Uruguai, Argentina e

Mais um aspecto bastante interessante é o fato de Jorge Amado ressaltar o “valor universal” dessa literatura, ressoando na apresentação da coleção a ideia do internacionalismo proletário, e justifica sua afirmação citando que estarão presentes no catálogo autores soviéticos, das democracias populares, mas também a “vanguarda” dos autores do mundo capitalista, ou seja, os comunistas. Cabe observar em uma análise mais detalhada das obras se essa universalidade se confirma a partir das particularidades do proletariado e do campesinato de cada país, retratados pelos autores das diferentes nacionalidades.

A carta-proposta também nos permite analisar a coleção do ponto de vista quantitativo. São anunciados no total 37 títulos, sendo 21 de escritores soviéticos, 4 das democracias populares (2 romenos e 2 tchecos), 1 grego, 1 haitiano, 1 francês, 3 estadunidenses e 4 brasileiros. A periodicidade de lançamento dos livros seria mensal, sendo que cada um teria uma tiragem mínima de 10 mil exemplares, sendo que uma parte desses livros seria impressa em material mais barato para serem vendidos como “edições populares”. Não é estipulado, porém, quantos desses livros seriam editados para a venda por preços correntes e quantos a preços populares.

Por fim, também é explicitada a forma de financiamento da coleção. A empresa se comprometia a participar com 30% do capital necessário, sendo os demais 70% de responsabilidade dos sócios avulsos, à razão de 3 mil cruzeiros por quota subscrita. Cada quota deveria ser paga em três prestações de 1 mil cruzeiros cada, até o dia 10 do mês seguinte ao vencimento da prestação. A editora ainda coloca como garantia do cumprimento do contrato seus próprios bens, além do número de exemplares de qualquer dos livros pertencentes a edição que corresponda ao valor do crédito do sócio

Chile, em 1945. Realiza mural em mosaico para a Assembléia Legislativa do Rio de Janeiro, em 1951. Faz ilustrações para vários livros, entre eles: *O Feijão e o Sonho* (1968), de Paulo Leminski (1944-1989); *A Ponte* (1975), de Erico Verissimo (1905-1975) e *Memórias do Cárcere* (1969), de Graciliano Ramos (1892-1953). É autor do retrato de João Cabral de Melo Neto (1920-1999) que aparece na folha de rosto da publicação da obra completa do poeta, lançada pela Editora Nova Aguilar, em 1994. Ver: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa8861/percy-deane>. Acesso em jul/2019.

subscritor. Fica definido também que o sócio poderá resgatar seu crédito e lucros devidos em livros da coleção, considerando o preço da capa menos o desconto de 30%.

Vale ressaltar que, segundo Rodrigo Patto Sá Motta, foram lançados efetivamente apenas 19 títulos que estavam previstos pela editora, sendo o último livro editado em 1956. (MOTTA, 2005, p.352) Isso se explica pela interrupção da coleção em decorrência dos desdobramentos do XX Congresso do PCUS e do “relatório Krushev”, sendo que o próprio diretor da coleção, Jorge Amado, se desliga do PCB após esse acontecimento (MAUES, 2013, p.143).

A título de exemplo, analisaremos os paratextos de duas obras publicadas nessa coleção, mais especificamente as sinopses e os prefácios de cada um. Os livros são “Um Homem de Verdade” do soviético Bóris Paveloi e “Os Donos do Orvalho” do haitiano Jacques Roumain.

No caso do livro de Palevói, a sinopse traz as seguintes informações:

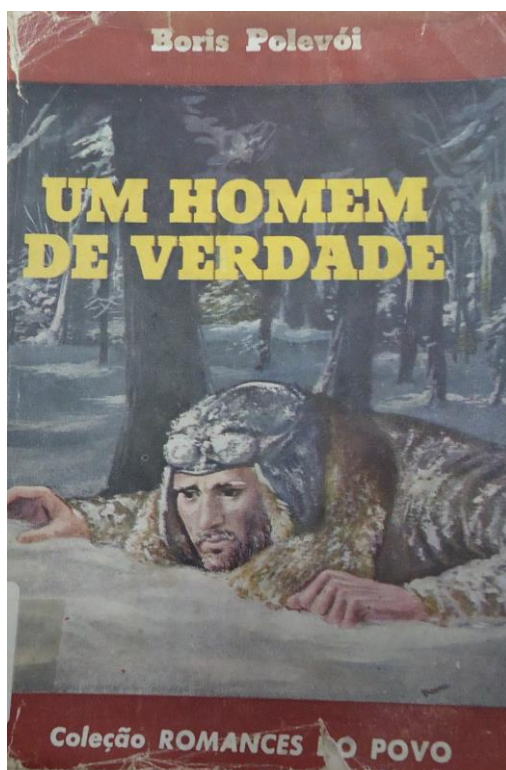
“Com um prefácio especial do autor para a edição brasileira. Esse romance situou Boris Palevoi entre os maiores escritores do nosso tempo. Uma das mais emocionantes histórias da guerra contra o nazismo, baseada num fato real: o aviador Alexis Mareseev, tendo perdido as duas pernas num combate aéreo, volta a pilotar aviões e a derrubar aparelhos inimigos. Um livro empolgante, um dos maiores êxitos da atual literatura russa”.

O texto nos dá algumas pistas sobre o enredo da obra: uma história que retrata o heroísmo de um herói de guerra soviético na luta contra os nazistas, além de alçar o autor e seu livro ao panteão da literatura soviética. O prefácio escrito pelo autor reforça essas percepções:

“Tive grande alegria em saber que uma das minhas obras seria publicada no Brasil. *Um Homem de Verdade* não é uma história fantástica. Tudo que ali está escrito realmente aconteceu. O herói do livro Alexis Meressiev, que durante a guerra realizou feitos tão extraordinários, está vivo. Após a desmobilização, como todos nós homens soviéticos, Alexis Meressiev é até a medula um homem que ama

a paz. Agora, muitas vezes, nos encontramos em congressos mundiais, não como o herói e o autor de um livro, mas como delegados do nosso povo”.

É interessante notar que nesse texto o autor faz questão de ressaltar a veracidade da história, colocando seu romance como um relato do que realmente ocorreu, traço marcante da estética do realismo socialista presente no romance proletário. Além disso, Plevói faz questão de enfatizar que, naquele momento, autor e herói se encontravam vez ou outra em congressos mundiais, mas nunca em condição hierárquica, mas sim como iguais. Isso reforça a imagem de que os heróis do mundo comunista, na verdade, estão em condições de igualdade com qualquer pessoa, logo a ideia que se depreende desse fato é que na cultura comunista de valorização da igualdade, todos podem ser potencialmente heróis na construção do socialismo.



Um Homem de Verdade de Boris Plevói, publicado pela Editorial Vitória Limitada em 1953, dando início a Coleção Romances do Povo (Acervo AEL-Unicamp)

O segundo livro que analisaremos, “Os Donos do Orvalho”, do escritor haitiano Jacques Roumain, traz as seguintes informações na sinopse presente na carta-proposta da coleção:

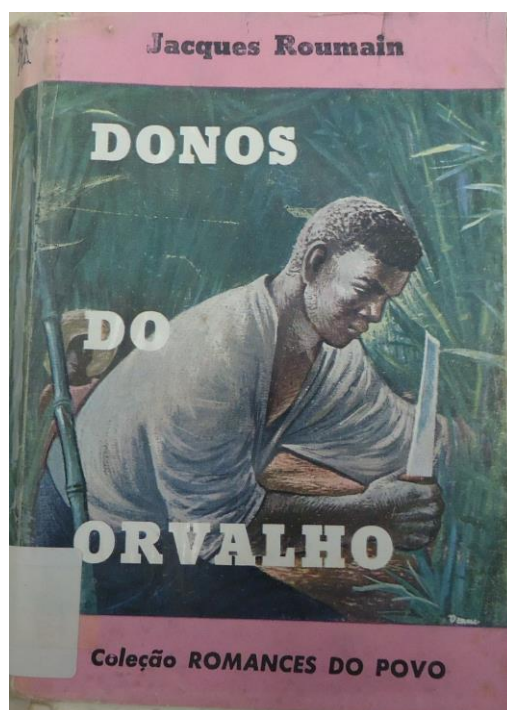
“Um dos maiores romances da América Latina: a vida dos camponeses haitianos, num livro de profundo realismo e grande força poética. Jacques Roumain, poeta e romancista, morto em 1944, foi uma das mais admiráveis figuras literárias do nosso continente.” (Roumain, 1954)

A sinopse, basicamente, exalta o escritor morto prematuramente em 1944, colocando-o como um dos mais admiráveis escritores latino-americanos, e apresenta uma importante informação sobre o enredo do livro: trata-se de uma história sobre os camponeses haitianos. O prefácio aprofunda essas informações:

“Jacques Roumain, já conhecido no Brasil através de sua obra poética, foi a maior figura intelectual do Haiti, até hoje. Tendo estudado na Suíça e na França, percorreu vários países da Europa e, voltando à sua terra aos vinte anos, passa a desenvolver intensa atividade cultural e política. Ligando-se às grandes camadas pobres da população negra da pequena república das Antilhas, põe a seu serviço toda a sua atividade intelectual e política, quer como poeta, romancista ou etnólogo, quer como líder político da mocidade haitiana. Nascido em 1907, faleceu no México em 1946, onde se encontrava a serviço da diplomacia de seu país, e onde escreveu seu último livro *Donos do Orvalho*”.

O prefácio traz um panorama biográfico mais completo do autor, enfatizando sua atividade política junto as camadas mais pobres da população negra do Haiti. Curioso notar a discrepância de informações sobre a sua morte presentes na sinopse e no prefácio: no primeiro, o ano é 1944, já no segundo, 1946. O prefácio também traz a informação de que Roumain teria falecido no México, mas há controvérsias também sobre isso.⁴

⁴ Segundo o site francês Babelio, Jacques Roumain faleceu no próprio Haiti, três dias após retornar de uma viagem à Cuba. O motivo de sua morte é controverso. O autor também foi o fundador do extinto Partido Comunista do Haiti, além de ter desenvolvido um importante trabalho etnográfico como pesquisador da Universidade Columbia em Nova York, durante seu exílio. Ver: <https://www.babelio.com/auteur/Jacques-Roumain/15154>. Acesso em jul/2019.



Os Donos do Orvalho de Jacques Roumain, publicado pela Editorial Vitória Limitada em 1954, volume 5 da Coleção Romances do Povo (Acervo AEL-Unicamp)

O fato é que em ambos os casos as apresentações dos livros deixam claro, para além da exaltação dos autores, o foco dos romances nas classes subalternas, no primeiro caso enfatizando o esforço de guerra de um soldado raso, e no segundo, os camponeses do Haiti. Vale frisar que seria necessária uma análise mais detalhada de cada um dos romances para averiguar possíveis peculiaridades de cada uma das obras, levando em conta a diferença das realidades abordadas, nesse caso a URSS e o Haiti. O que podemos afirmar numa primeira análise é a presença em ambos os casos das características gerais do que se convencionou chamar de romance proletário, apresentado no discurso de Zhdanov, citado anteriormente.

4. Conclusões:

Podemos concluir que a Coleção Romances do Povo da Editorial Vitória se configura em um esforço claro de divulgação do romance proletário no Brasil,

difundindo no país obras alinhadas com as diretrizes do realismo socialista soviético. Nesse sentido, é possível observar, por exemplo, que a carta de apresentação da coleção assinada por Jorge Amado reproduz as diretrizes para a literatura proletária do discurso de Zhdanov de 1934, em alguns momentos de forma quase literal.

A coleção apresenta uma discrepância clara entre o número de autores soviéticos e de outras nacionalidades. Fica claro que a intenção primordial é difundir, em primeiro lugar, os romances que tratassem da realidade do socialismo soviético. Pode-se considerar que a prioridade da IC era justamente apresentar a URSS como um exemplo a ser seguido e defendido, como a “verdadeira pátria dos trabalhadores”, citando Rodrigo Patto Sá Motta. (MOTTA, 2005, p.352) Outras realidades nacionais ficariam, nesse caso, em segundo plano.

Os romances também apresentam um tratamento editorial específico, com um projeto gráfico próprio e com uma parcela de livros reservados para “edições populares”, o que denota o interesse do partido em tornar esses romances acessíveis também para a classe trabalhadora. E por fim, as obras buscam a construção de tipos heroicos nas suas narrativas, sempre pertencentes às classes populares. Em um primeiro olhar, a nacionalidade dos autores não parece alterar as diretrizes da estética do realismo socialista.

Enfim, o romance proletário demonstra ter um papel fundamental na formação de uma cultura comunista que fosse compartilhada em todas as partes do mundo, difundindo valores, ideias e símbolos, enfatizando a importância dos livros para o movimento comunista na “construção de um mundo novo e na luta por uma vida feliz”, parafraseando Jorge Amado.

5. Bibliografia:

CARONE, Edgard. *O PCB (1943-1964)*. Volume 2, São Paulo: Difel, 1982.

CARONE, Edgard. O Marxismo no Brasil – Das Origens a 1964, In: SECCO, Lincoln; DEAECTO, Marisa Midori (org.), *Leituras marxistas e outros estudos*, São Paulo, 2004.

CHARTIER, Roger; Roche, Daniel; O Livro: Uma mudança de perspectiva. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (org.), *História: Novos Objetos*, Rio de Janeiro, 1986.

DARMAROS, Marina. *Gabriela, cravo e canela e o degelo soviético: o apagamento da primeira obra escrita por Amado após “Os subterrâneos da liberdade”*. Revista Teresa, 19, 2018.

FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henri-Jean. *O Aparecimento do Livro*, São Paulo, Unesp, 1992.

MAUÉS, Flamarion. A Editorial Vitória e a Divulgação das Ideias Comunistas no Brasil (1944-1964). In: DEAECTO, Marisa Midori; MOLLIER, Jean-Yves (org.). *Edição e Revolução: Leituras Comunistas no Brasil e na França*. Cotia/SP:Ateliê Editorial/ Belo Horizonte/MG: Editora UFMG, 2013.

MORAES, João Quartim de. A Influência do Leninismo de Stálin no Comunismo Brasileiro, In: MORAES, João Quartim de; AARÃO REIS, Daniel (org.), *História do Marxismo no Brasil*, volume 1, Editora Unicamp, Campinas, 2007.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. A Verdadeira Pátria dos Trabalhadores: A URSS e as Edições Comunistas, In: ABREU, Márcia Abreu; SCHAPOCHNIK, Nelson (org.), *Cultura Letrada no Brasil: Objetos e Práticas*, Campinas, Mercado de Letras, Fapesp, ALB, 2005.

PANKRATOVA, A. Lênin Como Propagandista. *Problemas - Revista Mensal de Cultura Política* nº 26, maio de 1950.

SANTANA, Geferson. *O romance proletário Cacau: produção literária de Jorge Amado nos moldes do realismo socialista da URSS*. Revista Amoxtlí, 2, 2019.

STRADA, Vittorio. Da “revolução cultural” ao “realismo socialista”. In: HOBSBAWN, Eric (org.). *História do Marxismo*, volume 9, Paz e Terra, 1987.

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

STRADA, Vittorio. Do “realismo socialista” ao “zhdanovismo”. In: HOBBSBAWN, Eric (org.). *História do Marxismo*, volume 9, Paz e Terra, 1987.

ZHDANOV, Andrei Alexandrovich. *Escritos*. São Paulo, Editora Nova Cultura, 2015.